

TRANSMISSÃO DE EXPERIÊNCIA OU IMPULSO NARCÍSICO? A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE RAIMUNDO ARRUDA EM *MEMÓRIAS DE UM MENINO*.

Carolina Maria Abreu Maciel

carolabreu.historia@yahoo.com.br

“Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida”. Partindo da afirmação de Calligaris, em *Verdades de autobiografias e diários íntimos*, podemos refletir sobre o lugar do sujeito que se inscreve e, que por meio de seus relatos de vida e escritos autobiográficos vão expor suas experiências, alguns com impulsos exemplares outros como forma de imprimir importância sua trajetória vivida no fim de sua existência. Com o retorno da narrativa e os debates em torno das relações entre História e Memória, os escritos biográficos e autobiográficos vão fomentar novas reflexões e usos para a escrita da História. Sabemos que por muito tempo estas fontes foram relegadas a segundo plano, pois eram tidas como não verificáveis, já que passavam por processos de seleção, lembrança e esquecimento, julgamento e muitas vezes alterações e deformações, como afirma Giovanni Levi, em seu texto *Usos da biografia*. Este trabalho tem como objetivo analisar a escrita autobiográfica de Raimundo Arruda, em seu livro *Memórias de um menino*. Nossa proposta é refletir sobre a estrutura escolhida para narrar sua trajetória de vida, tendo como impulso, primeiro, a transmissão exemplar de suas experiências para as gerações futuras de sua família, pois que, como afirma seu amigo e prefaciador Abelardo Montenegro “não resta a menor dúvida que é a transmissão de experiência a melhor justificativa da autobiografia”. Nosso objetivo é entender como este sujeito se auto define, como percebeu a si mesmo enquanto indivíduo coletivo e singular.

PALAVRAS-CHAVE: AUTOBIOGRAFIA; EXPERIÊNCIAS; MEMÓRIAS; RELATOS DE VIDA.

EXPERIENCE TO TRANSMIT OR PULSE NARCISSISTIC? WRITING
AUTOBIOGRAPHICAL OF RAYMOND ARRUDA IN *MEMÓRIAS DE UM
MENINO*.

“There is no difference between do a self narrative and create a life”. Starting from this affirmative of Calligaris, written in his book *Verdades de autobiografias e diários íntimos*, we can reflect over the condition of subject who write about himself and who through these narratives of life and autobiographic writings reveal his experiences, some with sublime thrust and others with the intention of give importance to their trajectory of life. In consequence of the return of narrative and the discussion over the relationship between history and memory, biographic and autobriographic writings foments new reflections over the write of history. According to Giovani Levi, in his text *usos da biografia*, for a long time this typology of documents was relegated to the background because it was considered unverifiable since characterized by remembrance, forgetfulness, selection and change processes. The present study aims to analyze the writing autobiographical of Raimundo Arruda, expressed in his book *Memórias de menino*. Our proposal is to reflect on the structure used to narrate his life story marked by the purpose of recording his experiences for future generations of his family. Like says Abelardo Montenegro, friend of Arruda and author of the preface of the book *memórias de menino*, "there is no doubt that transmitting experience is the best justification to write one autobiography". Our goal is to understand how this man did a self-definition, such him perceived himself as a collective and singular individual.

KEY WORDS: AUTOBIOGRAPHY; EXPERIENCE; MEMOIRS; LIFE STORIES.

INTRODUÇÃO

“Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. (ARTIÈRES, 1998, p. 3)

Ao refletirmos acerca da problemática da escrita de si devemos, primeiramente, analisar a importância que os arquivos têm para a sociedade contemporânea. Já que para

pensarmos sobre nós mesmos tão necessária é a memória, quanto os velhos papéis rabiscados e escondidos/guardados no fundo de uma gaveta. A explicação que Phillipi Artières nos oferece acima, sobre *arquivar a própria vida*, é essencial para compreendermos como chegamos a construir nossa identidade, pensamos sobre quem somos. A escrita de si, os relatos de vida, os escritos memorialísticos, os diários e as autobiografias, ou seja, essas ferramentas para o arquivamento do *eu* são algumas das muitas maneiras de produzirmos uma reflexão sobre as nossas experiências vividas.

O anormal é o sem-papéis. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico. Arquivarás portanto nossas vidas, primeiro, em resposta ao mandamento “arquivarás tua vida” – e o farás por meio de práticas múltiplas; manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade. (ARTIÈRES, 1998, p. 11)

Destarte, para termos condições de nos aventurarmos numa análise de escritos autobiográficos é essencial que entendamos as tensas relações que envolvem História e memória, visto que, para a produção de uma biografia ou autobiografia utilizamos como matéria-prima nossas lembranças ou de outrem.

Para David Lowenthal (1998, p. 94) damos a conhecer o passado quando “lembramo-nos das coisas, lemos ou ouvimos história e crônicas, e vivemos entre relíquias de épocas anteriores”. Assim, a todo momento somos chamados pelo presente a recordarmos o passado. Vemos esse chamamento nos gestos mais simples, por exemplo, ao abrirmos o guarda-roupas logo vamos identificando/lembrando ao remexermos em algumas peças, momentos do passado em que aquele objeto estava presente.

Outro aspecto importante da memória, principalmente para tratamos dos escritos autobiográficos, é que esta é essencial para a construção das identidades.

Relembrar o passado é crucial para o nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos selves anteriores, por mais diferente que tenhamos nos tornado. (LOWENTHAL, 1998, p. 84)

Deste modo, propomos neste trabalho identificar os elementos da escrita autobiográfica, de Raimundo Arruda¹, no livro *Memórias de um menino*. Essa publicação que pretende, de acordo com seu prefaciador e amigo Abelardo Montenegro, ter como função uma “espécie de catarse” do indivíduo narrado. Buscamos, desta forma, analisar como o autor, através da narrativa de vida do personagem Ricardo, constrói e dá sentido aos acontecimentos por ele vividos.

O Eu (Ricardo) de Raimundo Arruda.

Quando nos propomos a refletir acerca de um texto que se diz autobiográfico não podemos fugir das definições e análises formuladas por Philippe Lejeune² da relação entre biografia, autobiografia e romance autobiográfico. O Autor define, em *O pacto autobiográfico*, a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Num segundo momento, ao retornar aos estudos sobre o assunto, em *O pacto autobiográfico (bis)*, Philippe Lejeune, modifica sua definição que, agora, passa a “designar também qualquer texto em que o autor *parece* expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele” (idem, p. 53). Assim, partindo dessas duas definições observamos que no livro *Memórias de um menino*, de Raimundo Arruda ao desenvolver-se dentro das duas possibilidades definidas cumprirá os requisitos que preza a autobiografia.

Em *Memórias de um menino*, Raimundo Arruda vai narrar suas experiências de vida encarnando-se no personagem chamado Ricardo. Para Lejeune (2008, p. 16), quanto a questão da identidade *narrador-personagem principal*, na autobiografia, “é na maior parte das vezes marcada pelo emprego da primeira pessoa”, sendo assim, uma narração autodiegética, denominação de Gérard Genette. No caso de *Memórias de um*

¹ Raimundo Vasconcelos Arruda nasceu em 1911, na cidade de Massapê/Ce. Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, em 1950. Dos vários cargos exercidos no campo médico e administrativo do Estado do Ceará, foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará e presidente da Associação de Pediatria do Estado do Ceará. Faleceu em Fortaleza.

² Utilizamos dois textos de Philippe Lejeune neste trabalho. São eles: *O pacto autobiográfico* e *O pacto autobiográfico (bis)*, ambos traduzidos e publicados, em 2008, pela editora da UFMG. A referência completa encontra-se ao final do texto, na bibliografia.

menino, o autor desenvolve seu texto em terceira pessoa, dando sua identidade ao personagem, situação que Lejeune avaliará como um distanciamento do narrador.

Falar de si na terceira pessoa pode implicar tanto um orgulho imenso (é o caso dos comentários de César, ou de textos como os do general De Gaulle), quanto uma certa forma de humildade (é o caso de certas autobiografias religiosas antigas, nas quais o autobiógrafo se denomina “o servidor de Deus”). Nos dois casos, o narrador assume, em relação ao personagem que foi, seja o distanciamento do olhar da história, seja o distanciamento do olhar de Deus, isto é, da eternidade, e introduz em sua narrativa, uma transcendência com a qual, em última instância, se identifica. (Idem, p. 16-17)

Indagamo-nos, ainda, sobre o porquê de Raimundo Arruda retirar sua assinatura de seu texto, pois que uma das características do pacto autobiográfico é a igualdade entre autor, narrador e personagem, abaixo-assinando a narrativa com o nome que estampa a capa do escrito. Em nossas pesquisas encontramos a publicação de um dicionário da Família Arruda³, em 2011, escrito por Assis Arruda, faz um apanhando biográfico de toda a família. No tocante a Raimundo, observamos que o nome de seu genitor era Ricardo José Aguiar de Arruda, assim existe a possibilidade, mesmo que não confirmada no texto autobiográfico, que tenha dado o nome do pai ao seu *eu* biografado. Dessa forma Raimundo Arruda vai criar um texto narrando “a história de sua personalidade”, sendo Ricardo (nome fictício) não Raimundo.

Com relação a essa “*identidade de nome* entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala” (idem, p.24), discordamos de Lejeune, pois que este afirma que um texto não seria uma autobiografia se não apresentasse essa identificação, já que para ele, se define como autobiografia, primeiramente, a pressuposição de “uma *identidade assumida* na enunciação, sendo a *semelhança* produzida pelo enunciado totalmente secundária” (idem, p. 25). Porém, nos escritos de Arruda essa *identidade*, oculta por um pseudônimo, é assumida no prefácio por seu amigo e prefaciador Abelardo Montenegro⁴.

³ No dicionário biográfico da Família Arruda, este apresenta minibiografias de toda a árvore familiar, de autoria de Francisco de Assis V. Arruda. O arquivo encontra-se disponível em Formato Portátil de Documento - PDF (Portable Document Format) no sítio www.genealogiasobralense.com.br

⁴ Advogado, doutor em Ciências Econômicas e professor da Universidade Federal do Ceará durante muito tempo, Abelardo F. Montenegro nasceu em Crateús. Como escritor, publicou mais de quarenta livros e, em catorze deles, voltou-se exclusivamente para o Ceará: O romance cearense; Antônio Conselheiro; História do cangaceirismo no Ceará são alguns deles. Foi membro da Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira de nº 10, e do Instituto Histórico do Ceará. Informações disponíveis em: http://www.editora.ufc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=376&Itemid=28 e http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/Colecao_Diversos/ACL_Antologia_1994/ACL_1994

Quando a “Memórias de um Menino”, preferiu o Autor encarnar-se na personagem Ricardo, a exemplo Lauro Ruiz de Andrade que, em “A Estranha Aventura”, se encarna na personagem Apolinário. [...] O Autor tem a oportunidade de recordar, reviver fazendo ressurgir no milagre da memória, aqueles entes queridos, aqueles amigos dedicados que estiveram presentes nas horas difíceis e se solidarizaram nos momentos de angústia e sofrimento. (ARRUDA, 1986, p.6)

Percebemos durante a leitura que o livro é dividido, não cronologicamente, mas de acordo com temáticas, podemos observar no sumário que os capítulos são compostos por fatores, como por exemplo, o primeiro capítulo é intitulado *Opção do sertanejo no início do século*, já o segundo *Fator climático*, assim, observamos que cada fator influenciou a construção de si e orientou o caminho que este percorreu para “vencer na vida”. Outra variação ocorre com a linearidade que as narrativas autobiográficas tendem a obedecer para dar sentido à leitura, pois que o autor começa sua história descrevendo o trauma infantil que o acompanhará até o fim do livro, a morte prematura de sua genitora.

Até uma certa idade, a vida de Ricardo, seguia uma rotina linear: da sede do município para uma pequena propriedade da família. Entretanto por uma ironia do destino foi privado da presença insubstituível de sua estimada genitora. O fato ocorreu em 1916. Essa inesperada e irreparável perda foi ocasionada pelo impacto emocional presenciado na véspera, onde foram protagonistas um de seus filhos e um carneiro. O incidente levou-a a complicações da gestação e, conseqüentemente, à morte. (ARRUDA, 1986, p.12)

E encerrando o escrito com sua atual situação de “ociosidade”.

Presentemente, Ricardo se encontra na “agradável ociosidade”, que foi para ele um presente dos céus. As obrigações profissionais eram estafantes, não lhe deixando tempo para usufruir o que a vida oferece de bom. Toda pessoa tem seus devaneios, e gostaria, dentro do possível, de realiza-los. No presente, Ricardo está com liberdade para por em prática algo que sonhou: dormir até mais tarde, especialmente se está caindo uma gostosa chuva. [...] Ler livros de sua preferência. Ouvir canções que, marcaram a juventude, e algumas da atualidade que o sensibiliza. Assistir a “Copa Mundial” saboreando o seu “whiski” etc. (ARRUDA, 1986, p. 85)

Ao voltarmos-nos para produção da obra percebe-se que em cada página existe julgamento e comparação das situações vividas pelo autor com alguma referência em seu campo de formação. Ou seja, em alguns momentos de sua trajetória Arruda analisa

seu comportamento com base em seus conhecimentos médicos ou científicos. Podemos observar, claramente, essa característica de escrita nas citações abaixo.

Nessa convivência e de posse de um discernimento ainda rudimentar, ouvia com frequência chama-lo de carrancudo. Não podemos julgar se isso era questão de temperamento ou consequência de revolta ou trauma íntimo. Esse aspecto fisionômico perdurou toda infância, acrescida de comportamento impulsivo. Isso era sempre motivo de comentários entre os que o observavam. Também era portador de determinadas fobias: medo de bêbado, cachorro, etc. Era muito comum, naquela época, a fim de intimidar as crianças, contar estória de assombração, de terror, de fantasma e até de alma doutro mundo. Isso perturbava a mente infantil. [...] Aquela criança, de ar carrancudo, temperamento impulsivo e agressivo, dentro do conceito de psicologia, ela se enquadra: “portadora de uma força de vontade inquebrantável, ao lado de excelente armadura psicológica para a conquista de suas ambições”.⁵ (ARRUDA, 1986, p. 20)

E,

É comum em Psicologia para detectar a capacidade tendo em vista determinado fim submeter a pessoa ao teste psicotécnico, visando melhor verificar suas aptidões. Esse método, apesar de utilizado em empresas, escritórios comerciais, bancos, etc., tem um valor muito relativo, salvo se em mãos experimentadas. (Idem, p. 20)

Logo em seguida, o autor vai apresentar, como o próprio diz “algumas facetas” da personalidade de Ricardo.

a) quando em conversa informal com os seus amigos sempre se refere que a solidão não traria para ele uma angústia total, desde que tivesse ao seu dispor livros de sua preferência; b) tem dificuldades em se expressar em público, sem ter certo bloqueio mental; c) considera-se pouco sociável, porém gosta de ouvir alguém discorrer sobre determinados assuntos com certa naturalidade e facilidade de expressão. Não faz segredo de que inveja pessoas com essa desenvoltura. (Idem, p. 20-21)

Essas referências não limitam-se ao conhecimento médico pediátrico, o qual o autor é formado, mas ao descrever locais como sua terra natal, Massapê, Raimundo Arruda cita almanaques, coordenadas e informações geográficas, quando quer fornecer ao leitor algum acontecimento ou fato histórico traz em seu auxílio obras historiográficas, como por exemplo, o livro *Os Partidos Políticos do Ceará*, de seu

⁵ Grifamos esse trecho por achar necessário uma explicação sobre a obra usada na citação direta do autor para analisar o comportamento do personagem na infância. O autor faz a seguinte referência: *Psicologia aplicada ao comportamento. Vol. ? Pág. 43. Empreendimento Editorial do Grupo Novo Horizonte S.A. – São Paulo*. Somente com as informações cedidas pelo autor na referência, não obtivemos dados concretos da obra.

amigo Abelardo Montenegro⁶. Destarte, essas referências vão atribuir, ao texto, um caráter científico e verossímil, característica da autobiografia.

Quando pensamos em escritos biográficos, relatos de vida, autobiografias entre outros gêneros que dão a ver a história de vida de um indivíduo logo associamos ao contação de uma trajetória, de experiências vivenciadas ao longo de sua existência. Assim, ao analisarmos todo o texto de Raimundo Arruda, onde pretendemos perceber as características apontadas por Lejeune para se definir uma autobiografia, não podemos deixar de refletir sobre uma das partes integrantes da materialidade do livro: a capa.

Nossa preocupação em darmos visibilidade a capa do livro de Arruda se avolumou após a leitura da dissertação de Ana Isabel Silva Carvalho intitulada *A capa de livro: o objecto, o contexto, o processo*, defendida em 2008, na Universidade do Porto. Foi por meio das reflexões sobre o aparecimento de novas linguagens gráficas e suas relações com os avanços no contexto editorial, que entendemos a existência de uma complexidade na produção das capas e, que esta não é somente um recurso de proteção do miolo do livro, mas que é agregado a ela vários dispositivos de identificação entre o autor e o leitor. De acordo com Carvalho (2008, p. 13) a capa de livro

Surge como um mecanismo fundamentalmente prático, com o fim de proteger o miolo do livro, e que rapidamente ao longo da história acumula outros propósitos. A inclusão do título da obra e nome do autor permitiram que adquirisse também um papel informativo, ao passo que a decoração do espaço disponível passou a constituir uma forma de identificação e distinção do livro. Enquanto face visível do livro, a capa assume um papel privilegiado na comunicação com o público e, conseqüentemente, constitui um veículo privilegiado de promoção comercial. Comparativamente a outros formatos que lhe são próximos, como a capa de jornal ou de revista, a capa de livro tem uma maior longevidade e presença, fazendo com que muitas se tornem símbolos marcantes, associadas a um texto e a um período histórico.

A capa é constituída por três partes interligadas entre si. São elas: a capa ou painel frontal, a lombada e a contracapa. Vamos nos deter a análise do painel frontal, pois que este é a parte que tem mais visibilidade dos três e, que no nosso caso é onde podemos identificar, antes mesmo das primeiras foleadas no corpo do texto, a imagem que o autor escolheu que possivelmente daria a indicação do que poderíamos encontrar no conteúdo do livro.

A capa condensa numa única imagem a personalidade do livro, que pode ser uma referência a um momento marcante da narrativa ou um resumo dos acontecimentos. Ela é o resultado de um processo de interpretação e a sua dimensão simbólica torna-se muitas vezes dominante sobre uma tradução

⁶ MONTENEGRO, Abelardo. Os Partidos Políticos do Ceará. Fortaleza: Editora Imprensa Universitária da UFC, 1980.

literal do título ou das descrições feitas no livro. Desta forma, a capa consegue alguma independência sobre o livro, uma vez que não há um choque directo entre as duas realidades, a descritiva e a visual, que existem lado a lado mas sem sobreposição. Por vezes a capa torna-se a imagem de marca do livro, ficando para sempre na memória do público. (CARVALHO, 2008, p. 32)

Essa referência a um momento marcante da narrativa ou de um resumo dos acontecimentos, que indica Carvalho, podemos observar na imagem que figura a capa de *Memórias de um menino*.

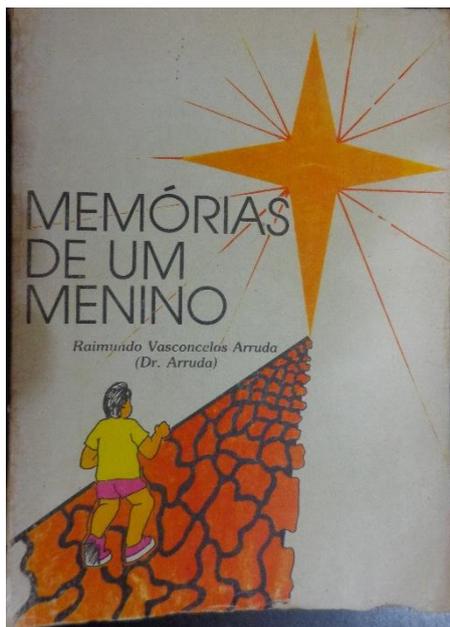


Figura 1- Capa do livro Memórias de um menino, de Raimundo Vasconcelos Arruda.

Percebemos que na capa há um menino que segue numa estrada em direção ao horizonte, representado por uma estrela. A partir da imagem inferimos que o garoto seria o próprio autor, a estrada sua trajetória de vida e a estrela as conquistas que o mesmo logrou ao fim desta caminhada, final este que não refere-se a sua morte, mas como indica ao término do texto, na ociosidade de sua aposentadoria que o permitiu dedicar-se a escritura.

O pacto autobiográfico na escrita de Raimundo Arruda: o compromisso do autor de falar sobre si.

Voltando aos estudos sobre o conceito de *pacto autobiográfico*, Philippe Lejeune (2006)⁷ o define como sendo o *compromisso que assume um autor de contar diretamente sua vida (ou uma parte ou um aspecto da sua vida) com um espírito de verdade*, ele identifica que o polo da escrita autobiográfica é o compromisso do autor em dizer a verdade sobre si. Dito de outro modo, a escrita de uma autobiografia, o autor [...] *promete que o que ele vai dizer é verdade, ou pelo menos o que ele acredita que é verdade. Ele se comporta como um historiador ou um jornalista, com a diferença de que o assunto sobre o qual ele promete dar informações verdadeiras, é ele mesmo.*

Em *Memórias de um menino*, podemos perceber o pacto feito pelo autor em diversos momentos da narrativa, num primeiro momento da apresentação do texto, quando afirma que Ricardo está [...] *Confiante na capacidade de fazer um retrospecto dos fatos que palmilharam a sua trajetória, bem como encorajado pela esposa, teve a ousadia de rabiscar as suas angústias e alegrias [...].* (ARRUDA, 1986, p. 3)

No prefácio, um outro dará conta desse comprometimento. Este outro é Abelardo Montenegro, amigo do autor que legitimará o texto afirmando que *foi com o maior prazer que aceitei o honroso convite de prefaciar “memórias de um menino”. É que conheço o Autor há muito tempo.* O ato de aceitar o convite para prefaciar o livro e ao afirmar que conhece o autor de longa data, além de apoiar-se em seu *status* de homem das letras, é entendido por nós como intensões de verdade no escrito.

Outra característica do pacto que nos faz identificar *Memórias de um menino* como narrativa autobiográfica é que para Lejeune (2006) *um texto autobiográfico pode legitimamente ser verificada por meio de uma pesquisa (embora, na prática, é muito difícil!).*

Um texto autobiográfico envolve a responsabilidade legal de seu autor, que pode ser processado por difamação por exemplo, ou invasivo da privacidade de outro. É um ato de vida real, embora ele também pode ter o charme de uma obra de arte porque é bem escrito e bem composto.

Essas verificações podem ser feitas, nesse caso, com alguma facilidade já que o autor, em certa medida, foi uma figura pública do estado do Ceará. Além, de no final do texto, dar pistas de locais onde possam ser averiguadas as informações, pois Arruda lista

⁷ Esses trechos estão disponíveis no site www.autopacte.org/pacte_autobiographique.html. As traduções dos textos presentes no site de Lejeune são de minha responsabilidade.

uma série de entidades sócio-culturais e científicas da qual foi sócio, nos dando mais uma vez certa sensação de confiabilidade em sua narrativa.

Considerações Finais

Retomando o mandamento apresentado a nós por Philippe Artières *Arquivarás tua vida* comparamos as intenções de se escrever uma autobiografia à coleção de arquivos pessoais, como os diários íntimos, cartas e/ou outros documentos diversos sobre si. Os arquivos pessoais e os relatos de vida são, sobretudo, desejo de permanecer para a posteridade ou, ainda, a construção de uma imagem para nós mesmos e às vezes para os outros. (ARTIÈRES, 1998, p. 10) Como é o caso de nosso autobiógrafo, quando afirma que a narrativa *tinha por alvo as pessoas da sua família, como: filhos, netos, sobrinhos [...]*. (ARRUDA, 1986, 7)

Observamos este desejo de continuidade quando Abelardo Montenegro apresenta as intenções, de Raimundo Arruda, ao produzir sua autobiografia. Montenegro (1986, p. 5) começa o texto com algumas indagações sobre essa intencionalidade.

Por que o homem escreve as suas memórias? O que o impede nesse sentido autobiográfico? Será impulso provocado pela vaidade? Derivaria do narcisismo, do homem enamorado de sua própria imaginação? Ou resultaria da firme convicção, com a experiência, para ajudar os que realizam a travessia, enfrentando o binômio toynbeanno: desafio –resposta?

A resposta para essas perguntas vão seguir o mesmo caminho. A escrita autobiográfica serviria como transmissão de experiências para as futuras gerações, pois como afirma o prefaciador, *sem essa experiência, a vida perde o significado para as gerações porvindouras*. Assim, o discurso autobiográfico, neste caso, não vai ser, somente, a visão de si que o autor quer construir, mas servirá como exemplo a ser seguido por seus familiares e/ou leitores externos a sua rede familiar. Além de exprimir um sentimento de regozijo por vencer na vida, mesmo a duras penas, Arruda encontrou na escrita de si um meio para refletir sobre suas escolhas e ações. Como podemos ver no trecho abaixo:

Como Ricardo se encontra na fase da contagem regressiva do relógio biológico, achou por bem se radiografar no écran da vida, para que se alguém curioso da família se interessar em apreciar os contornos de sua existência, vê-lo-á mais nitidamente. Assim, diz ele, vai preencher os quatro pontos fundamentais: a) saciar o desejo de ler; b) aproveitar da leitura alguns conceitos emitidos pelo autor com quem se identificaria, ou algumas colocações postas na cabeça de seus personagens; c) aplicar o tempo disponível, pois até então não disponível, pois até então não dispunha para lar outro assunto de seu agrado sem ver vinculado à medicina; d) dar conhecimento aos entes queridos o que Deus reservou-lhe para construir a sua vida dentro das limitações e fraquezas humanas. (Idem, p. 3)

A autobiografia é, como já definida por Lejeune e apresentada no começo desse texto, uma narrativa na qual o autor descreve sua trajetória de vida. Porém, este relato vai além do simples *eu fulano de tal, nasci no ano tal, na cidade tal e minha vida foi dessa maneira*. O autor envereda pelo caminho da construção de uma identidade e de uma percepção de si como sujeito da própria história.

Destarte, é por meio do exercício do lembrar e esquecer que as narrativas autobiográficas buscam dar sentido à vida dos homens que as escrevem. Como diz Artières (1998, p. 33) *o arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se ver tal como ele se vê e tal como desejaria ser visto*.

Bibliografia

ARTIÈRES, PHILLIPE. Arquivando a própria vida. In: Revista Estudos Históricos - Arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol. 11, nº 21, 1998, p. 9-34.

ARRUDA, Francisco de Assis V.. Dicionário biográfico da Família Arruda. Fortaleza, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, JANAÍNA. (orgs.) Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In.: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, v. II, n. 21, 1998.

CARDOSO, Irene. Narrativa e História. Tempo Social; Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2): 3-13, 2000.

CARVALHO, Ana Isabel Silva. *A capa de livro: o objecto, o contexto, o processo*. Universidade do Porto – Faculdade de Belas Artes. Porto, 2008. (Dissertação) Disponível em <http://mdi.fba.up.pt/investigacao/anacarvalho.pdf> último acesso em 10 de fev. de 2016.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. In.: NORONHA, Jovita M. G. (org.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. Entrevista com Philippe Lejeune. *Ipotesi: revista de estudos literários*, Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 6, n.2, p. 21-30, jul/dez 2002. Entrevista concedida a Jovita Maria Gerheim Noronha.

_____. “Qu’est-ce que le pacte autobiographique?” In.: *Autopacte: site proposé par Philippe Lejeune*. 2006 Disponível em <http://www.autopacte.org> último acesso em 10 de fev. de 2016.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, JANAÍNA. (orgs.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. *Revista projeto História*, SP, n. 17, 1998.